

O dr. Malcolm Sargent, o grande chefe de orquestra inglês, que se encontra presentemente em Lisboa, onde vem realizar alguns concertos a convite do Circulo de Cultura Musical, dirigindo a orquestra sinfónica da Emissora Nacional. A seu lado, na foto, o pianista Jaime Silva (Filha) e o maestro Rui Coelho.

(Foto Seródio)



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES
ANO II — N.º 87 — LISBOA, 14 DE JANEIRO DE 1943
PREÇO AVULSO: 1 ESCUDO



LUÍS PASTOR DE MACEDO

Figura interessante do nosso meio intelectual e político, acaba de ser nomeado commissário do Governo junto do Teatro Nacional D. Maria II.



JOÃO GASPASIMÕES

O nosso crítico literário mais discutido mas cuja cultura é indiscutível e justamente admirada, publicou agora um livro de muito mérito — o livro de ensaios intitulado «Caderno de um romancista».



DR. BRAGA PAIXÃO

Antigo Director Geral do Ensino Primário e actualmente desempenhando altas funções na Assis-tência Pública, foi escolhido pelo Governo para exercer, interinamente, o cargo de Provedor da Misericórdia de Lisboa.



MÁRIO MEUNIER

Notável humanista francês que se encontra desde há dias em Lisboa, onde vem realizar duas conferências, uma no Museu de Arte Antiga e outra na Sociedade de Geografia.

AQUI entre Nós



FERNANDA DE CASTRO

Distinta poetisa a quem a literatura portuguesa de hoje deve algumas das suas melhores páginas, é a autora da peça «Pedra do Lago», já traduzida para romeno — e que deve representar-se hoje em Lisboa num espectáculo a favor dos Parques Infantis, obra simpática que esta escritora tornou numa das suas melhores obras de inteligência e de coração.

TRABALHO PARA TODOS

PASSADAS as férias do Natal, as aulas reabriram em todas as escolas, por esse país fora. Não é acontecimento de primeira grandeza no hemisfério da reportagem, pois apenas se trata do rectamento dos trabalhos de um ano de estudo, interrompido pelo espaço de duas semanas, mas é ainda assim o pretexto para um exórdio que bem pode ser endereçado e bem merece ser escutado, afinal, por uma grande parte da população do país: estudantes, pais e professores. Tão importante, afinal, é o problema que bem pode dizer-se que dele chegam os reflexos a todas as casas de família, pois raro será o conchêgo de lar onde não se sinta uma palpitação destas inquietações. Que será o ano? De quanto esta pergunta encerra de justas preocupações todos se darão conta sem dificuldades de maior, bastando deitar balança ao que representa em sacrifícios a educação de um jovem — sacrifícios de toda a ordem, que não são só os preços do custo em dinheiro de livros, propinas e «tuti-quantis»: são ainda, principalmente, as consequências a longa distância, pela vida fora, de que nunca mais deixa de sentir o peso. Se aos escolares é lícito que se reclame aplicação, aos mestres e pais tem de se reclamar bom sentido de prudência e conselho.

AQUEM E ALEM-MAR

DA sua viagem de alguns meses, regressou a Lisboa o sr. ministro das Colónias. Não há meio como a presença para tomar contacto com os problemas, que muitas vezes as distâncias, os intermediários e o próprio tempo necessário para a sua transmissão se encarregam de deformar. A viagem, por esse motivo, não terá sido senão proveitosa para esclarecimento e boa marcha dos negócios públicos, para mais numa época em que o intercâmbio de comércio com os territórios do nosso Ultramar se revela com excepcional esperança para satisfação de muitas necessidades prementes, que sentimos. É preciso, realmente, que se conte na Metrópole com a fertilidade quente e jovem das terras coloniais; mas é preciso, também, que nas Colónias se sintam o amparo lúcido e o olhar inteligente da Metrópole.

LER E ESCREVER

FOI determinado pela secretaria da Guerra que sejam instituídos cursos obrigatórios de instrução primária em todos os aquartelamentos. Quere dizer: o rapaz pode ir para a tropa analfabeto, mas, quando sair, há-de vir a saber ler e escrever. A medida é de um alto alcance e só merece louvor. Muitas vezes se falou nisto — salvo erro o conhecido jornalista Homem Cristo fez desta idéa cavalo de batalha por muitos e dilatados anos. Calhou agora. O nome do sr. capitão Santos Costa ficará ligado, deste modo, a uma decisão cujos frutos poderão não ser muito ruidosos nem muito espalhafatosos, mas hão-de ser de proveitoso resultado para a vida do país.

A QUESTÃO DOS MERCADOS

O caso das hortaliças na Praça da Figueira deu que falar durante alguns dias: tantos dias quantos foram aqueles em que os mercados ficaram desertos de vendedores. Depois, tudo se pôde arrumar e conciliar. Não custa nada dizer que a Câmara tem uma obra de realizações que está à vista com louvor de todos. Mas com o mesmo espírito de justiça se deve anotar impropriedade e inoportunidade de se agravarem taxas que, em última análise, se reflectem sobre o preço dos produtos alimentares. Quando tão justamente se reprimem as tentativas de gananciosa especulação de certos comerciantes, fazia sentido que o Município apparecesse também a aumentar os seus pro-ventos?

ESTA crónica regista hoje dois livros, ambos firmados por nomes de mulher, e os quais, cada um no seu género, constituem duas obras dignas de referência: um, da autoria de Alice de Oliveira, é a História da Rainha Astrid, volume em cujas páginas passa, numa doirada e sugestiva atmosfera de vitral, a vida romântica, digamos assim, da última rainha da Bélgica; o outro, é um volume de versos que se intitula Amor e Graça do Lar, e no qual a sua autora, Maria da Bruma, nos faz a sua doce profissão de fé lírica. A poesia, por vezes tão desacreditada, tem neste pequeno antifonário de ternura e de sinceridade um agradável espelho do que é e do que vale. Eis um livro que cheira à frescura das manhãs radiosas. Maria da Bruma podia chamar-se Maria da Luz.



DR. SILVA CARNEIRO

Um dos nossos mais prestigiosos magistrados, foi-lhe há dias prestada a merecida homenagem no 6.º Juízo por motivo da passagem do 4.º aniversário da sua posse nesses funções de justiça.



ABEL SALAZAR

Eminente professor e homem de ciência, acaba de publicar, nos cadernos culturais das «Edições Cosmos», um livro que pode, com justiça, considerar-se notável: «A crise da Europa».



O Trindade deve representar brevemente, numa combinação José Loureiro-Ricardo Covões, uma revista em que um dos autores é Ramada Curto. Este facto constitue, evidentemente, um grande aperitivo para o espectáculo que será pôsto em cena com todos os requisitos dum espectáculo à sensation. A semelhança do que tem acontecido com outros grandes homens de teatro, Ramada não tremeu ao dar o seu nome prestigioso e a sua valiosa colaboração a um género teatral de que muitos desdenham, mas cuja genealogia — quantos o ignoram ou fingem ignorá-lo — remonta, entre nós, ao imortal Gil Vicente. Estamos certos de que Ramada Curto vai sair da sua primeira batalha, como revisteiro, com as palmas... de general.



Entre nós



O sr. ministro da Justiça conferiu, há dias, posse aos novos vogais do Conselho Superior Judiciário, srs. juizes conselheiros Heitor Martins, Miguel Homem de Sampaio e Melo e Barbosa Ramos, efectivos; e Luis Osório e Bernardo Polónio, substitutos. Assistiram, além do sr. conselheiro Botelho de Sousa, presidente do Supremo Tribunal de Justiça e por ser ainda presidente daquele Conselho, muitos magistrados. Após a leitura do auto de posse pelo sr. dr. Augusto de Oliveira, que os presentes assinaram, o sr. dr. Vaz Serra proferiu um importante discurso.



A bordo do «Serpa Pinto» realizou-se uma sessão de homenagem dos Sindicatos Nacionais da Marinha Mercante à Companhia Colonial de Navegação, pelo seu vigésimo aniversário. Associaram-se várias entidades representativas e económicas — do comércio, de navegação, carregadores, etc.

No Automóvel Clube de Portugal efectuou-se a assembleia geral extraordinária da Associação Naval de Lisboa — que tinha como objectivo principal eleger sócio honorário o Royal Gibraltar Yacht Clube, em retribuição de igual honra concedida à A. N. L. por intermédio do sr. A. W. Benson — procedendo-se também à distribuição de prémios das regatas promovidas pela Associação no ano que hoje finda. Na gravura vê-se o sr. dr. José Gonçalves recebendo das mãos do sr. comandante Tenreiro a taça «Wintermestel», ganha na última regata oceânica.



O pessoal artístico, administrativo e técnico da Emissora Nacional reuniu-se, no último domingo, num almoço de confraternização — uso habitual daqueles funcionários nos primeiros dias do ano. Presidiram os srs. dr. Pires Cardoso e engenheiro Manuel Bivar, respectivamente directores técnico e administrativo daquela estação emissora. Assistiram, também, alguns dos artistas de rádio que mais se têm evidenciado ao microfone, como sejam Milú, irmãs Remartinez, Maria Gabriela, Oscar de Lemos e Arménio Silva, que no final do almoço cantaram alguns dos seus números mais aplaudidos. Foram lidos vários telegramas de saudação, entre os quais um do sr. António Ferro, presidente da direcção da E. N., que se encontra doente.



Panorama Internacional

Os clarins de

Roosevelt

por Francisco Velloso

PERSISTE em plena curva a fase de transição que os acontecimentos andam apresentando desde as últimas semanas do ano passado. Dir-se-ia que entrámos, e ainda não saímos de um parêntesis, dentro do qual está em formação alguma coisa que, a empolar-se, vai gerar o «fatum novum» desatador desta catastrófica crise do mundo aberta num dos ângulos de incidência e viragem da sua civilização.

A MENSAGEM DE ROOSEVELT



ROOSEVELT

Para as espectações que nos estremecem não correu pouco o último discurso do Presidente Roosevelt, no dia 3 de Janeiro, ao Congresso, que constitui a sua mensagem constitucional para introdução da 78.ª legislatura, num dos grandes momentos da história desta nação», disse ele e com razão facilmente encontrável no estado da evolução social, política e económica dos Estados Unidos.

O sucessor do general Lincoln, como a dirigir-se ao ponto mais sensível do brio americano que provocou o gesto determinativo da sua entrada na guerra, cuja oportunidade e alcance as potências do «eixo» não mediram talvez com exactidão na totalidade dos seus riscos e efeitos — desde que a Inglaterra resistia a olhos vistos e a Rússia não fora esmagada na batalha de 1941 — aludiu logo de começo à produção de guerra como factor de vitória contra o Japão e de abastecimento para a China.

«Há apenas um ano, iniciámos a missão primordial na guerra do Pacífico — declarou Roosevelt.

«Dia a dia, semana a semana, mês a mês, destruímos mais material de guerra japonês do que a sua indústria pode substituir. Grande parte dessa missão foi realizada pelas heróicas tripulações dos submarinos americanos, que atacam os navios japoneses em toda a parte, até à própria entrada do porto de Yokoama.

«Nós sabemos que diminui dia a dia o poderio japonês em navios e aviões e que aumenta o americano.

«Mesmo hoje, nós estamos a enviar por via aérea para a China tanto material nos termos do empréstimo e alugar como, em qualquer altura, atravessou a estrada da Birmânia, enviando por via aérea por cima de montanhas de 5.000 metros de altitude, através da geada e da neve».

Esta última referência dá bem a medida de uma revelação espontânea.

Ela concluiu por prometer ao Japão o ataque directo e a transformação da bélica paisagem do Pacífico:

«Aproxima-se do seu termo o período da nossa guerra defensiva de desgaste, no Pacífico, e a América forçará os japoneses a combater».

É a partir destas afirmações cujo ânimo aguerrido marca o ritmo deste documento (por isto mesmo tão distante de todos os que o precederam), Roosevelt estabeleceu três ordens de perspectivas, já intimamente rasgadas no plano do esforço da maior e mais rica potência do mundo: — na intensificação da produção de guerra, na ofensiva, no panorama geral da paz internacional.

É começaremos pela segunda, visto ser a mais impressionante pelo seu ar decidido:

«Não posso fazer profecias, não posso dizer-vos quando e onde as Nações Unidas atacarão na Europa, mas posso dizer-vos que elas atacarão e o farão duramente. Não posso dizer-vos onde vamos atacá-las — na Noruega ou através dos Países Baixos, na Sardenha, na Sicília ou nos Balcãs, ou em vários pontos ao mesmo tempo. Mas posso dizer-vos que, onde quer que os ataquemos em terra, nós, os britânicos e os russos os atacaremos pelo ar violentamente e sem descanso. Lançaremos toneladas de bombas altamente explosivas sobre as suas fábricas de armamentos e portos marítimos».

É em seguida a ameaça vibrante, a estalar como nunca, referida à superioridade aérea:

«Hitler e Mussolini compreenderão agora o seu enorme erro de cálculo. Mas os nazis não terão sempre a vantagem de forças aéreas superiores, como tiveram quando bombardearam Varsóvia, Roterdão, Londres e Coventry: Essa superioridade acabou para sempre. Os nazis e os fascistas assim o quiseram e assim o terão».

O ORGULHO AMERICANO



TOJO

No Pacífico destruíram-se aviões nipónicos na proporção de 4 para 1, e em África perdeu-os o «eixo» na proporção de dois para um. Há dois anos as proporções de vici a estar invertidas. A entrada em liça de «poderosas unidades da marinha e do exército franceses» na mesma hora que aviadores da França receberam dos Estados Unidos a reconstituição da famosa Esquadilha Lafayette, é outro índice a completar aquêle e a fazer alto estrado para, num quadro geral em que há certo optimismo óvante, levantar os grandes números demonstrativos: — em 1942 foram construídos 48 mil aviões militares, e só em Dezembro 5.500; o aumento de capacidade de produção de tanques, a qual alcançou proporções quasi

insuspeitadas, em 56 mil tanques, 670 mil metralhadoras, 10 bilhões de cartuchos, 21 mil peças anti-tanques, 131 milhões de granadas...

É a América no auge, com 7 milhões de homens em armas que devem formar hoje o maior e melhor exército do mundo, e com o orgulho de replicar a uma errada imputação política em que se criou nas últimas décadas um dos mitos mais perigosos para a paz e progresso dos povos:

«Suspeito que Hitler e Tojo terão grande dificuldade em explicar ao povo alemão e japonês como é que uma democracia decadente e ineficiente pode produzir tais quantidades fenomenais de armamento e munições de combatentes».

Washington — clamou o presidente — é hoje a capital de uma nação eivada de espirito combativo. E tornou a desafiar:

«Julgo que Berlim, Roma e Tóquio, que tinham tanto desprezo pelos métodos arcaicos das democracias, dariam agora tudo o que pudessem para possuírem o mesmo espirito que nos anima. E não devemos esquecer que o que realizamos da produção não foi, relativamente, mais do que conseguimos os russos, britânicos e chineses, que tiveram que desenvolver as suas indústrias de guerra sob consideráveis dificuldades, durante a luta. Continuaram com o seu trabalho e nunca o abandonaram. Nós, os americanos, estamos em boa e excelente companhia e estamos a tomar parte honrosa no esforço comum».

Mas aqui surge a grande interrogação que, mais do que nunca, faz agora trepidar os povos.

PARA QUÊ ?



HITLER

Ora, deste discurso presidencial ressal com uma franqueza ainda não comparável, uma resolução que é dever sublinhar: todo este esforço, todos estes sacrificios, toda esta assombrosa mobilização das energias de um povo de 160 milhões de habitantes, têm por condição a «paz duradoura», firmada numa vitória que não fique em metade.

Os Estados Unidos não querem — e com que poder o dizem e demonstram! — tornar a vir em armas à Europa ou a outra parte do mundo. Estas páginas não são de repetir. Há como admoestração nestas palavras.

É então as palavras do presidente, ecoando outras de Churchill, tomam um vigor por assim dizer

imperativo que as fará transitar à história:

«A vitória é o primeiro objectivo desta guerra. O próximo, é a vitória da paz. Temos que, por fim, esforçar-nos por que os homens sejam libertados do medo. Tremo só ao pensar o que acontecerá à humanidade, incluindo nós próprios, se esta guerra terminasse por uma paz não decisiva e rebentasse outra guerra, de modo que as crianças de hoje tivessem amanhã de combater de novo. Todos os americanos de coração fazem preces por que nem eles, nem os seus filhos, nem os seus netos se vejam forçados a passar novamente por este horror».

Na Carta do Atlântico isto fora expresso como desiderato. Agora vem como condição irrecusável. A guerra não pode justificar-se senão por uma paz que não seja como a que morreu na Áustria, na Checo e na Polónia. E preciso que ao fim de combaterem, os povos tenham ocupação para eles próprios, para suas famílias e para seus vizinhos. Isso significa que, quando a produção de guerra for transformada para a vida económica da paz, eles encontrem o direito de esperar trabalho permanente, — trabalho garantido para eles próprios e para todos os homens e mulheres sãos da América, que desejem trabalhar.

E mais ainda que após guerra, não se sofra de alimentação insuficiente, de habitações mal sãs ou de subsídios de desemprego. E Roosevelt lembrou: «Não desejamos uma era de enriquecimento rápido e de falsa prosperidade, que terminará com eles a vaguearem sem emprego pelas esquinas, como aconteceu depois do desmoronamento da alta de 1929».

A mocidade americana reclama garantias contra os azares económicos da vida a persegui-la, a escravizá-la desde o berço ao túmulo.

Desta maneira, a guerra, como sempre a vimos, não é, não poderá ser uma disputa de hegemonias políticas. Se não fosse nos deslocamentos sociais que felizmente operou, uma transformação, uma revolução, não valeria a pena que o mundo a sofresse, nem se explicaria que através dela derramasse tanto sangue e esbalçasse o melhor dos seus recursos.

A designação de Nova Ordem que primeiro foi lançada de Berlim como um objectivo de carácter político de supremacia, adoptou-a a opinião mundial como uma expressão de aspirações sociais e económicas irrevogáveis, que têm de ser satisfeitas, em liberdade, em direito, em justiça para todas as nações sem excepção, vencedoras e vencidas.

(Continua na pág. 6)



Entre nós

Da sua viagem pór terras do Império — onde foi recebido, como noticiou a imprensa, com as mais inequívocas provas de apreço e as mais significativas afirmações de amor pátrio — regressou há dias à capital o sr. dr. Francisco Vieira Machado, ministro das Colónias. Mais de sete meses durou a sua estada na África Portuguesa. A bordo do «Lourenço Marques» acorream a saúdar o titular da pasta das Colónias, além do representante do Chefe do Estado, sr. general Amílcar Mota, e de quasi todos os membros do Govêmo, muitas centenas de pessoas de tôdas as posições sociais.

O grupo «Os Amigos de Lisboa», iniciou no último sábado o ciclo de conferências de cultura popular. O primeiro conferente foi o professor Armando Lucena, que dissertou acêrca de «Olarias». Começou por elogiar a argila, matéria prima por excelência das primeiras obras da antiguidade. Depois falou da olaria portuguesa, analisou os aspectos técnicos e artísticos de algumas fábricas, merecendo-lhe referência especial as de Miranda do Corvo, Caldas, Estremoz e Nisa e, por fim, referiu-se ao episódio da bucarafagia, que levou as nossas damas do século XVII a comerem barro, com o fim de emmagrecer e se tomarem pálidas e finas.



No Museu de Arte Antiga inaugurou-se recentemente uma Exposição de Retratos Ingêses em gravura, organizada pelo British Council, em colaboração com o Instituto Britânico em Portugal. Ao acto inaugural assistiram os srs.: embaixador de Inglaterra; ministro da Noruega; dr. João Couto, director dos Museus Nacionais; dr. Cardoso Pinto, conservador do Museu de Arte Antiga, e outras personalidades conhecidas no nosso meio artístico.

A Divisão Auxiliar dos Escuteiros de Portugal distribuiu vestuário, brinquedos, livros e uma merenda a setenta crianças pobres. O significado da festa foi posto em relêvo pelo sr. capitão Afonso dos Santos, presidente da Associação dos Escuteiros, na presença de muitas mães, da sr.ª D. Clotilde Ferreira, chefe daquela Divisão Auxiliar, e do sr. Luís Tovar de Lemos, chefe geral dos Escuteiros. A gravura mostra-nos um grupo de crianças que recebeu ofertas.



7 dias de Cinema

por Fernando Fragoso

O «vale era verde» é incontestavelmente um dos melhores filmes que Hollywood nos tem dado. Os cinco prémios da Academia assentam-lhe a primor, porque distinguem aspectos de produção, que atingem um índice invulgar. O facto é tanto mais de assinalar quanto é certo que nem sempre os «Oscars» foram entregues, com inteiro espírito de justiça.

O público tem ocorrido ao Tivoli, na ânsia de admirar este filme. Regozijemo-nos com tal atitude, que vem provar, mais uma vez, ao contrário do que pretendem certos críticos, que a massa anónima dos espectadores das nossas salas sabe distinguir os filmes que se impõem pela sua forma artística e pelo seu valor espectacular — embora este último factor, como é natural, pese, de preferência, no momento de julgar.

* * *

John Ford é uma das figuras mais curiosas da Cinelândia. De todos os realizadores americanos — talvez seja o mais «artista». As suas obras acusam, poderosamente, a forte personalidade do director! Vem de muito longe a nossa admiração pelo cineasta de «O vale era verde». Lembramo-nos, com que emoção, de «Não se fala noutra coisa» e de «O Denunciante»; e ultimamente de «Cavalcada Heróica» (Stagecoach) e de «Tormenta a bordo» (Long voyage Home). Na galeria das suas obras, há duas, notáveis, que não veremos: «Grapes of wrath» e «Tobacco Road». Se aproximarmos «O vale era verde» destas duas películas que não podem ser exibidas em Portugal, chegaremos à conclusão de que John Ford é o realizador ideal para focar os problemas sociais, ligados ao drama da gleba.

Porque «O vale era verde» é, acima de tudo, o drama do homem que volta as costas ao verde vale onde nasceu, para mergulhar nas entranhas da terra, onde o lucro é mais fácil e a ambição pode saciar-se sófregamente. A pouco e pouco, a mina alarga-se, amplia-se, estende os seus tentáculos, viscosos e negros, pelas encostas ridentes, apossa-se do verde vale como se fôsse um cancro monstruoso, cuja evolução ninguém pudessem deter. A aldeiazinha onde viveram os Morgans não deve existir, nos nossos dias... Tudo se afundou na voragem, no redemoinho da hulha negra... E das carcasas que foram brancas a princípio, e que a fumarada chamuscou quando a mina desceu até à aldeia — haverá quando muito a recordação de ali terem existido.

Fêz bem o Huw em fugir, para sempre, do verde vale, onde se

repercutiam os ecos duma infância acidentada e feliz...

O filme evoca este drama, no tom saudosista que não admite recriminações — e que, pelo contrário, aceita o que de mau se passou, como uma fatalidade do Destino, ou como um castigo do Céu!

* * *

Tênicamente, «How green was my valley» é uma maravilha — desde a seqüência cinematográfica até ao resultado final de cada cena, de cada imagem. A vida patriarcal da velha família dos Morgans — pai, mãe e seis filhos — unidos, dentro do lar, no respeito do pai e no amor da mãe; a calma existência daquela aldeia risonha, cujas casas trepavam pelos montes, manchas brancas por entre o verde tapete da relva macia; as horas felizes e as horas trágicas, as doenças e os amores de cada um, de que toda a povoação compartilhava; o trabalho

na mina, o problema social, as greves, a fome e a miséria — tudo o filme evoca com um vigor, uma propriedade, um poder dramático de assombrar!

Os «decors» e a fotografia contribuem poderosamente para o resultado final. Os primeiros são simplesmente maravilhosos, valorizados pela iluminação acertadíssima, quer no que diz respeito à criação do «ambiente», quer ainda no que se refere à obtenção de efeitos artísticos. Arthur Miller, o fotógrafo — outro prémio da Academia — soube transportar para o celuloide, com vantagem, os elementos plásticos que lhe coube cinegrafar. As suas imagens parecem, por vezes, esboços a carvão — e estão impregnadas daquele mesmo pó negro, que se entranha na pele dos mineiros, e que nenhum sabão lava — o orgulho da verdadeira toupeira humana, que arranca do sub-solo a hulha negra...

Pença é que a densidade da co-

pia exija possivelmente um potencial de iluminação superior àquêle com que foi projectada, pois cenas há que perdem, em pormenor, e resultam confusas, pelo tom excessivamente escuro. E foi esta circunstância que levou António de Carvalho Nunes, que estava a meu lado, a dizer-me, a certa altura, com o seu proverbial sentido humorístico:

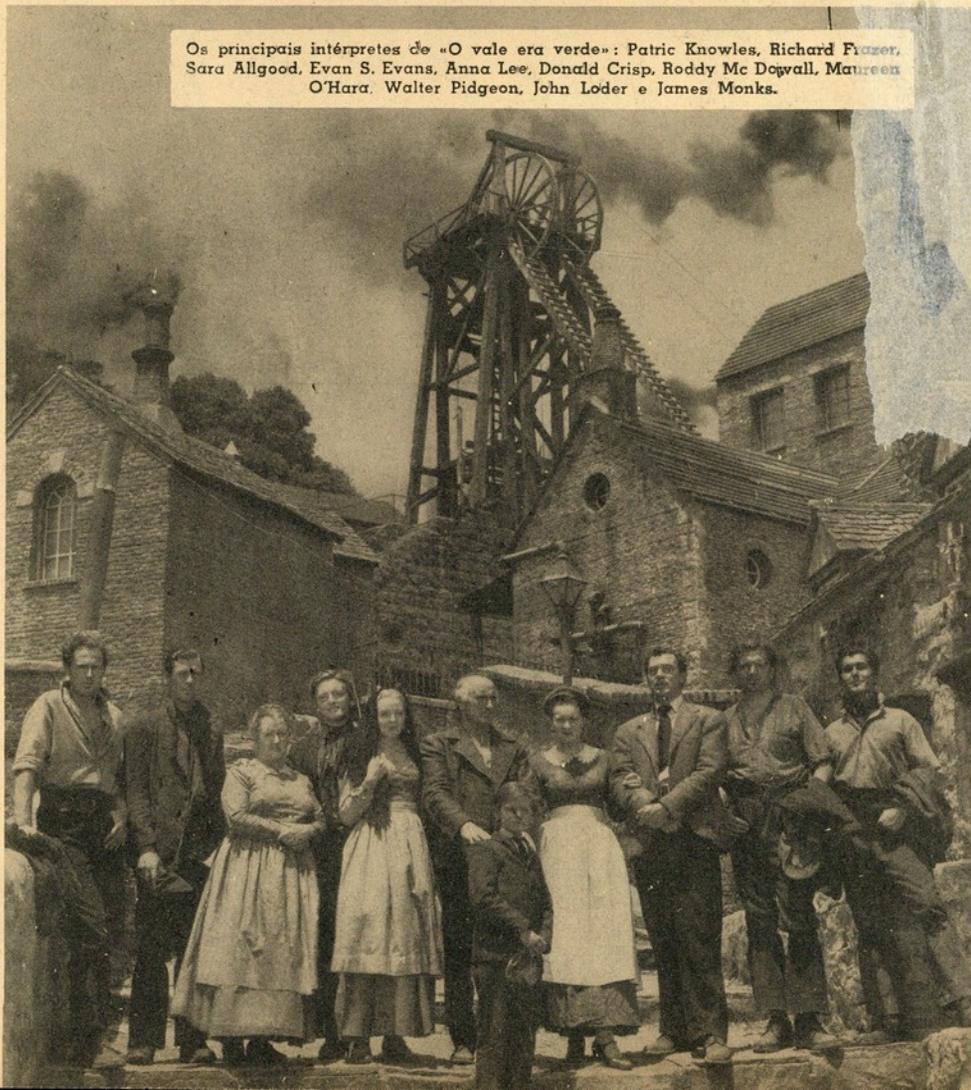
— Isto tanto pode ser «O vale era verde», com a morte de Napoleão...

* * *

A Academia americana — que premiou o filme, o realizador, o fotógrafo e os decoradores — distinguiu Donald Crisp, como sendo o melhor actor secundário de 1941. Outra decisão justíssima. O famoso actor, que trabalha no cinema desde os tempos de David Wark Griffith, e que foi um dos mais «odiados» vilões da tela.

(Continua na pág. 20.)

Os principais intérpretes de «O vale era verde»: Patric Knowles, Richard Fraser, Sara Allgood, Evan S. Evans, Anna Lee, Donald Crisp, Roddy Mc Dowall, Maureen O'Hara, Walter Pidgeon, John Loder e James Monks.



Joan Fontaine, a conhecida «estrêla» de cinema que acaba de ser proclamada pela Academia de Arte e Ciências Cinematográficas de Hollywood como a melhor artista do ano de 1942, pela sua estupenda actuação no filme «A suspeita».



JOAN Fontaine

IMAGENS TRÁGICAS DA GUERRA

*A CIDADE DE ESTALINEGRADO
É UM MONTÃO DE RUÍNAS*



Entre nós



O mestre-pintor Acácio Lino expõe actualmente em Lisboa, pela primeira vez, os seus quadros. A exposição, que abrange cerca de 100 trabalhos diversos, foi organizada por uma comissão de honra, que reúne os melhores nomes das artes e letras portuguesas e assim quis homenagear o pintor Acácio Lino, repetindo a recente homenagem que lhe foi prestada no Pôrto. O Chefe do Estado, que inaugurou o certame, foi acompanhado na visita pelos srs. general Amílcar Mota, Ministro da Educação Nacional, dr. Mário Figueiredo, João Macedo Chaves, com representação do Chefe do Distrito, Arnaldo Ressano Garcia e mais directores da S. N. B. A., artistas e amadores das coisas de arte.



O sr. dr. Francisco Caeiro, que foi ministro das Colónias interino, durante a ausência do sr. dr. Francisco Vieira Machado, tomou há dias posse do alto cargo de Procurador Geral da República. Ao acto, que foi muito concorrido e onde se trocaram discursos, assistiram, além do sr. ministro da Justiça, que usou da palavra em primeiro lugar, os srs. Sub-Secretário de Estado da Assistência, generais Eduardo Marques e Feixoto e Cunha, prof. Doutor Marcelo Caetano, conselheiros Afonso de Melo, Heitor Martins e Sampaio e Melo e muitos outros magistrados, homens do fóro, e altos funcionários dos Ministérios da Justiça e das Colónias.



Por iniciativa do «Diário de Notícias» realizou-se, no Teatro da Trindade, uma récita a favor dos diabéticos pobres. A companhia Alves da Cunha interpretou a peça «A mulher legítima» e houve um acto de variedades em que tomaram parte os artistas Alves da Cunha, Berta de Bivar, Brunilde Júdice, Madalena Sotto, Deolinda de Sousa, Humilta de Macedo, Alves da Costa e João Perry.



O conhecido industrial sr. Alexandre de Almeida prestou homenagem a todos os seus empregados com mais de cinco anos de trabalho nos seus hotéis: Palace Hotel do Buçaco, Palace Hotel da Curia, Hotel Astória-Coimbra, Hotel Metrópole-Lisboa, Hotel Europa-Lisboa e Francfort Hotel do Rossio-Lisboa. À homenagem presidiu, em nome do Ministro do Interior, o sr. Governador Civil de Lisboa, e a secretariá-lo viam-se os srs. dr. Cortez Pinto, presidente da Associação Industrial, Guilherme Pereira de Carvalho, do S. P. N.; Joaquim Roque da Fonseca, director da Associação Comercial; Armandino da Silva Lebre, representando o S. N. dos Profissionais da Indústria Hoteleira, dr. Pinheiro, secretário do sr. Governador Civil; Matos Sequeira, Guilherme Garrido e o sr. Alexandre de Almeida.





Calle de Alcalá

MADRID

é hoje o que era

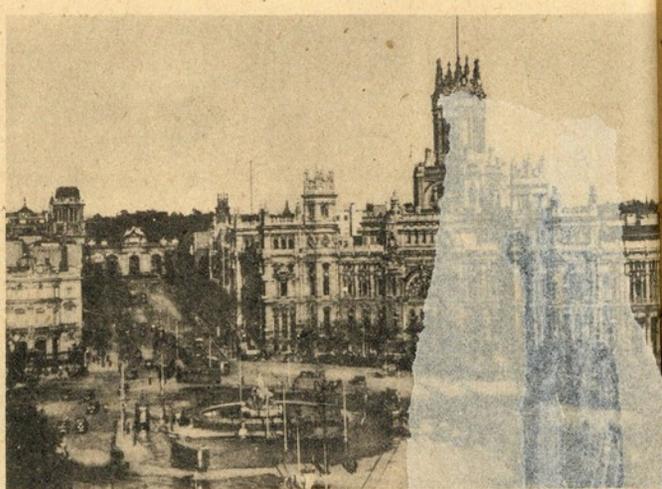
PARIS

ha vinte anos!

criado apresentou-nos um «menu» de fazer crescer a água na boca, com seis pratos de peixe e seis pratos de carne, fruta e doce, e aperitivos variados—à escolha do freguês. E não vá supor-se que esta ementa tinha no papel a sua expressão mais feliz. Peixe e carne da melhor, trabalhados com a mestria tradicional dos cozinheiros parisienses—e café oloroso e saboroso, com o açúcar suficiente para o paladar dos mais gulosos. O pão é moreno, mas são e bem cozido—e lembra, na aparência e no gosto, o nosso pão integral, que conta tantos apreciadores. Tive ensejo de verificar, depois, que alguns restaurantes que não temem as multas, apresentam, de vez em quando, pão alvo, igual ao que se come em Lisboa.

Insisto sobre estes pormenores—porque não são do conhecimento da maioria. A simples enumeração dos dois factos, verificados, pela mesma pessoa, a um ano de distância, diz-nos imediatamente que alguma coisa se passou; que as circunstâncias mudaram; que a Espanha se refaz, dia a dia. E que, como grande País que é, saca as feridas e ganha novas energias, contando com o esforço próprio, com a sua robustez, que suportou heróicamente todos os golpes e tôdas as sangrias.

Ignoro se a Província tem fome, se as classes humildes lutam ou não com dificuldades, se o raciocínio é farto ou apertado. Sei apenas que no espaço de um ano se verificou, nos mesmos locais e em idênticas circunstâncias, uma mutação completa. As pastelarias estão a abarrotar de bôlos e guloseimas. As «charcuteries» da Gran Via e de Alcalá—exibem paradas imponentes de galinhas depenadas, prontas a meter na panela, fiambres e carnes frias—



Palácio das Comunicações

o que há de melhor. Nas lojas mais modestas e nos mercados, o espectáculo é idêntico. E nada daquilo é decoração em cera moldada ou motivo ornamental... Qualquer pode ver, tocar—e comprar.

Falta o tabaco—mas há o «straperlo». Por «straperlo» compra-se o que se quer. As esquinas das ruas, há garotos que apregoam «tabaco rubio, señor»—e vendem, por sete pesetas, um maço de «Dianas»... Nos cabarés e restaurantes, poderemos comprar por vinte pesetas um maço de «Philip Morris» ou outra marca americana. E no fim do almoço, o «groom» do «Chipén» ou doutro restaurante de categoria traz quatro ou cinco caixas de charutos, para os que apreciam os havanos. O tabaco está racionado—mas por sete ou oito pesetas, poderemos comprar um «puro», sem a necessidade de esconder as volutas de fumo, aos olhos de quem quer que seja...

O MILAGRE DAS DUAS PESETAS

Madrid retomou o ritmo dos seus bons tempos. Está uma cidade enorme. Roubou o ceptro a Paris—e parece querer defendê-lo, por todos os meios ao seu alcance. Os «taxis» circulam em grande número. Os automóveis particulares também. E o trânsito tem o

aspecto pitoresco das grandes metrópoles com a sua teoria de apitos e de sinais, e a contradição dos pedes, em carreira pelas faixas que são reservadas para a travessia das ruas.

Madrid resolveu com engenho e um grande senso prático o problema de canalizar o peão para as zonas que lhe estão destinadas. Não necessitou de mobilizar a polícia, nem tão pouco de vedar as ruas com correntes e sinais cabalísticos. Limitou-se a instituir uma multa para aqueles que transgridam o que está disposto, em matéria de trânsito. Qualquer pessoa poderá dar-se ao luxo de escolher o caminho a seu bel-prazer. Mas logo que saia fora das directrizes estatuídas, aparece-lhe um polícia que se limita a cortar um talão, para pagar duas pesetas. E como duas pesetas são duas pesetas, o peão tem todo o empenho em não as desembolsar...

Os «taxis» circulam, dissemos. E circulam em grande quantidade. Um carro pequeno tem cinquenta litros de gasolina por quinzena. Mas se quiser mais, recorre à palavra mágica: «straperlo». E por «straperlo» é sempre possível obter mais alguma essência, com uma ligeira sobretaxa. O pagamento da «corrida» é um espectáculo pitoresco: o «chauffeur» verifica a importância que o aparelho regista, consulta depois numa tabela,

HA um ano, um português amigo chegou a Madrid e dispôs-se a almoçar. Entrou num grande restaurante, olhou desconfiado o letreiro que anunciava «hoy día sin carne», sentou-se à mesa—e aguardou os acontecimentos. Serviram-lhe uma sopa aguada, descolorida e enossa; tentou meter os dentes num pedaço de pão negro, que parecia argamassa; esperou, em vão, alguma coisa apetitosa e encontrou-se, por fim, ante um prato onde alguns feijões neurasténicos nadavam em companhia de duas rodelas de chouriço. O café era intragável. Açúcar não havia. O doce, feito com mel, tinha um sabor simplesmente execrável.

O meu amigo apertou o cinto e saiu desolado e insatisfeito. A fome—ou pelo menos a fome daquelas coisas que constituem o prazer dos «gourmets»—era um facto.

Estamos agora em Dezembro de 1942. São passados doze meses. Cruzamos a porta do mesmo restaurante de há um ano. E perante o pasmo do meu amigo, céptico e descrente—que entrara em Espanha com um carregamento de provisões de boca, para prever as mais negras hipóteses—perante o pasmo, dizia, do comensal desiludido de 1941, o



Avenida de José Antonio

que mais parece uma tábua de logaritmos, vê qual é a correcção a fazer e entrega-nos, com o tróco, uma extensa fita com quadradinhos iguais, cada um dos quais representa o que se paga à Fazenda Nacional, em função do percurso. E quanto maior for este — maior é a fita...

O problema dos transportes, apesar de tudo, também é um problema espanhol. O «metro» — um dos melhores do mundo — é baratíssimo. Percorre-se Madrid, de lé a lé, uma distância semelhante à que vai do Lumiar ao Dafundo, por vinte céntimos. A afluência dos passageiros é enorme. As caruagens vão sempre a abarrotar. E o curioso é que ninguém fica em terra... A mole humana comprime-se — e há sempre lugar para mais um.

Não há «assalto» aos eléctricos. O portuguezinho valente, habituado a tomar o eléctrico da «Estrêla», com o vigoroso entusiasmo com que os nossos antepassados conquistaram Lisboa aos mouros, ficará surpreendido com o espectáculo de urbanidade e cortezia, oferecido por aquêles que pretendem tomar o «tranvia». A primeira pessoa que chega à paragem ocupa o seu lugar; o outro que vem a seguir, coloca-se por detrás, e forma-se, assim, uma «bicha», a um de fundo, automática, natural e ordeira... E à medida que os carros chegam, sobem tantas pessoas quantos os lugares que há... O sistema não resultaria em Lisboa, entre outros motivos, pelo facto dos eléctricos, em certas carréiras, passarem com um intervalo de dez minutos entre si...

Não se vêem polícias nas ruas. Os sinaleiros são funcionários municipais — e nada têm com a ordem pública. Essa missão cabe à guarda de assalto, que está nos seus quartéis. As questões que se suscitam resolvem-se quasi sempre em bem... E raras vezes da discussão acesa se passa a soluções violentas...

Permiti-me estranhar o facto, tendo em linha de conta que os espanhóis, como os portugueses, são por natureza impulsivos e arrebatados:

— Estamos cansados de lutar — respondeu-me um amigo, à maneira de justificação.

UM CABARÉ QUE CUSTOU MAIS DE 10.000 CONTOS!

Os cafés, os «bars» e os cabarés de Madrid regorritam.

Nos cafés, serve-se, dum modo geral, duas qualidades da preciosa bebida: o «café-express», onde o saboroso fruto entra em elevada percentagem, e o café «tout-court», que os criados informam ser um «sucédâneo», pitoresca designação dum verdadeiro «ersatz»... O «café-express» aproxima-se muito do café autêntico. O frequentador da «Brasileira»

não terá muitos motivos para o desdenhar... O outro, misturado com leite, não é desagradável. E ao fim de pouco tempo, tomamo-lo sem custo.

Dum modo geral, os cafés estão sempre cheios. De manhã, à tarde, à noite — e até no domingo, depois da Missa. O mesmo se passa com os «bars», onde o «whisky» foi substituído com vantagem pelo «Osborne» ou pelo «Veterano», «cognacs» saborosíssimos que rivalizam com a famosa bebida escocesa.

Os cabarés de Madrid têm uma alegria invulgar. Na noite em que a Aviação Italiana defrontou a Aviação Espanhola, em «foot-ball», o «Madrigal» homenageou as duas equipas. É uma «boite» simpática, tão pequena que temos a sensação de estar ao colo uns dos outros. Pois nunca vimos tamanho entusiasmo, tanta alegria, tal loucura colectiva, num recinto de diversão, como nessa noite no «Madrigal»!

O melhor cabaré da Madrid — e o melhor da Europa, incontestavelmente — é o «Passapoga». Está instalado nos subterrâneos do «Palácio da Música». Custou quatro milhões e quinhentas mil pesetas! Tudo quanto o cérebro dum milionário poderia conceber surge ali concretizado, num prodígio de luxo e de bom gosto. As paredes são forradas de seda, que alterna com mármore preciosos, espelhos de Veneza trabalhados e colunas de cristal. A pista de dança é uma placa imensa de metal amarelo, gravado. Tapetes riquíssimos abafam os passos. E numa atmosfera de magia e de sonho, que parece um «decor» fastuoso duma comédia de Lubitsch, «made in Hollywood», os pares dançam, ao som duma orquestra de negros, que constituem só por si um espectáculo.

A entrada custa vinte pesetas, com direito a consumo. O Estado cobra 50 por cento sobre esta importância. Os «coupons» da «Hacienda Publica» acompanham sempre tudo quanto representa «consumo de luxo». E, aqui, pela medida grande...

A uma hora da noite, em todos os recintos públicos, a música extingue-se, as luzes apagam-se, e todos recolhem a casa — ou talvez, não...

Ao domingo, de quinze em quinze dias, para entrar nos cafés ou recintos de diversão, é necessário um salvo-conduto, a «chapi», que custa 30 céntimos e reverte a favor do fundo da benemérita Acção Social da Falange. É um cartõzinho simpático, com um dispositivo para pendurar na lapela, e que, por vezes, como naquele que me coube, traz versos de Tirso de Molina:

Que cuenta daré yo a Dios
De mi vida, ya que el trance,
Ultimo, llega de mí!...

...O que não deixa de ser pitoresco.



Palácio Nacional

resco para trazer na lapela — e «autorizar» o ingresso num café ou cabaré...

A CIDADE DO CINEMA

O cinema é o espectáculo favorito. Por motivos de ordem vária, os filmes americanos são exibidos com grande atraso e em diminuta percentagem. Em Dezembro, porém, tódas as grandes salas de Madrid exibiam fitas «yankees»: «Lobos do Norte», «A Oitava Mulher de Barba Azul», «Rebecca» e «A Rainha do Palim». O êxito, o grande êxito, era «Rebecca». As 10 horas da manhã, havia uma «bicha» extensíssima para comprar bilhetes, que se encontravam esgotados para os dias mais próximos. Para conseguir lugares, com rapidez, era necessário recorrer ao «mercado negro»... Devo declarar que além das bichas para os cinemas e para os «tranvias» — não vi outras em Madrid.

Todos os filmes americanos são «dobrados» em espanhol. O «sistema» é ainda hoje objecto de polémicas e discussões. Os que o condenam, citam o facto paradoxal de, por esse processo, se ir tirar ao filme espanhol a força, que é uma das suas razões de vida: ser falado numa língua que toda a gente entende. Mas por outro lado, a «dobragem» dá que fazer, aos técnicos, artistas e laboratórios e contribui ainda para o fundo destinado a premiar as melhores obras da cinematografia espanhola. A concorrência do Cinema estrangeiro torna-se mais perigosa por força da dobragem — sobretudo em terras pequenas, que até há pouco se mostravam desinteressadas pelo filme importado.

A indústria fílmica em Espanha é, apesar de tudo, uma realidade magnífica. Os estúdios trabalham ininterruptamente e os de Chamartin são dignos de ver-se, pelo seu tamanho, pela sua importância e pela sua organização. Cêrca de Chamartin, erguem-se já os da Sevilha-Filmes, que serão os maiores de Espanha e que deverão ser inaugurados em Agosto, e os da C. E. A., que prometem também. Madrid terá assim a sua «Cidade de Cinema» — e tão importante se anuncia, que se pensa construir uma linha do «metro», até lá.

Esta febre de construção patenteia-se por toda a parte. As obras para a centralização e instalação de todos os serviços públicos estão adiantadíssimas. Em conjunto, o bloco de edifícios respectivos tem uma grandeza impressionante.

No entanto, a Cidade Universitária está ainda em ruínas. O passeio de Rosales, e as «vilas» que o bordam, oferece ainda o trágico panorama da guerra de Espanha. As trincheiras dos «rojos» abrem-se ainda na zona disputada com

tanto encarniçamento. Dir-se-ia que aquelas ruínas são o penhor da reconstrução admirável operada em Espanha!

DEPOIS DA TEMPESTADE...

A fixação dos preços é um facto. Como o Estado cobra, na maioria dos artigos, uma percentagem sobre o preço da venda dos mesmos, a especulação é difícil.

Nas vésperas do Natal, as montanhas apresentavam um aspecto tentador. As lojas de brinquedos são as vedetas nesta parada magnífica, com luz a jorros e ornamentações coruscantes. A Espanha surge como o País onde os brinquedos são mais baratos. Pai Natal deve ter aqui a sua oficina privativa... E, por menor curioso: escasseiam os brinquedos de guerra!

A Espanha desperta, pouco a pouco, do pesadelo vivido. O povo soube suportar, com coragem e estoicismo, as duras provações da guerra interna — e a da outra, que logo lhe sucedeu. As vantagens e benefícios estão patentes. Procurá-mos traduzi-las, nesta crónica despretenciosa e impressiva, que pode, aqui e além, sofrer da deformação dos olhos do turista, mas que nunca é mal intencionada. E queremos, sobretudo, dizer ao leitor que vão longe os dias mais que a Espanha viveu, e que, de dia para dia, ela se ergue, mais forte, mais bela — mais atraente!

Madrid, Janeiro de 1943.

FERNANDO FRAGOSO

Calle de Sevilha



Palácio dos Telefones

Uma Senhora Portuguesa

preside a um município da América do Norte



português sempre foi bom viajante e melhor hóspede na terra amiga. Foi essa aptidão para se adaptar ao meio ambiente que tornou possíveis verdadeiros milagres de colonização—como alicerça Sérgio Buarque de Holanda, no largo estudo que nos dá no seu «Raízes do Brasil: Vão para a África, vão para a América—abalam do continente, das colônias, das ilhas e sem que deixem de ser portugueses, são muito bons estrangeiros. Foi assim sempre. E assim é hoje: na América, por exemplo. Existem ali milhares de portugueses. Vivem a sua vida de lusitanos, mas são exemplares cidadãos norte-americanos.

Duvidam? Aqui está a sra. D. Helena Lucilla Crisóstomo Lourenço. Um nome bem português, um coração de portuguesa, adaptado às circunstâncias da sua nova pátria. Preside, há mais de ano e meio, à municipalidade de San Leandro, no Estado da Califórnia—admi-



D. Helena Lourenço, antes de ir para o seu gabinete de trabalho no Município de San Leandro da Califórnia, prepara o seu pequeno almoço e à tarde, de volta a casa, entretem-se a ensinar a ler algumas crianças.

nistra pois, uma cidade de 20 mil habitantes. Nasceu na Horta, foi criança para os Estados Unidos, é hoje uma cidadã norte-americana. Como mulher que sabe da vida política da sua nova pátria, tem opiniões a respeito da contribuição lusitana nos Estados Unidos, que nos agrada registar: —Os portugueses da Califórnia amam a sua pátria adoptiva, onde depararam com excepcionais oportunidades para atingir o melhor conforto e bem-estar. Os seus haveres, o seu entusiasmo e o seu

Os luso-americanos de San Leandro, como os de outras cidades da Califórnia, mantêm, com toda a pompa, os festivais religiosos tradicionais. Na gravura vê-se uma pequena de 10 anos, Maria Mendonça, Rainha da Festa da Senhora do Loreto, acompanhada das damas de honor.

esforço são excelente contribuição, para que a América possa vencer as dificuldades da hora presente. E aí vemos, dentro desse espírito de contribuição, muitos portugueses envergando a farda do exército norte-americano...

De resto, não é só servindo no exército que os portugueses de San Leandro dão a sua colaboração: compram estampilhas e títulos do Empréstimo de Guerra, fazem como se fossem os defensores da sua própria causa:

—Durante os primeiros oito meses do ano passado, os luso-americanos de San Leandro adquiriram cerca de 1 milhão de dólares do Empréstimo—o que, não há dúvida, revela assinalável interesse.

Enfim, D. Helena Lourenço fala-nos, agora, principalmente, de si, da sua obra, do seu caso de portuguesa—a única mulher que, actualmente, é presidente de uma municipalidade na Califórnia e a quarta a ser escolhida, naquele Estado, para funções tão graves:

António Ramos, alentejano, que reside na América do Norte, há mais de trinta anos, que é o presidente da comissão dos festejos à Senhora do Loreto, caminha na retaguarda do cortejo com um grupo de músicos portugueses.



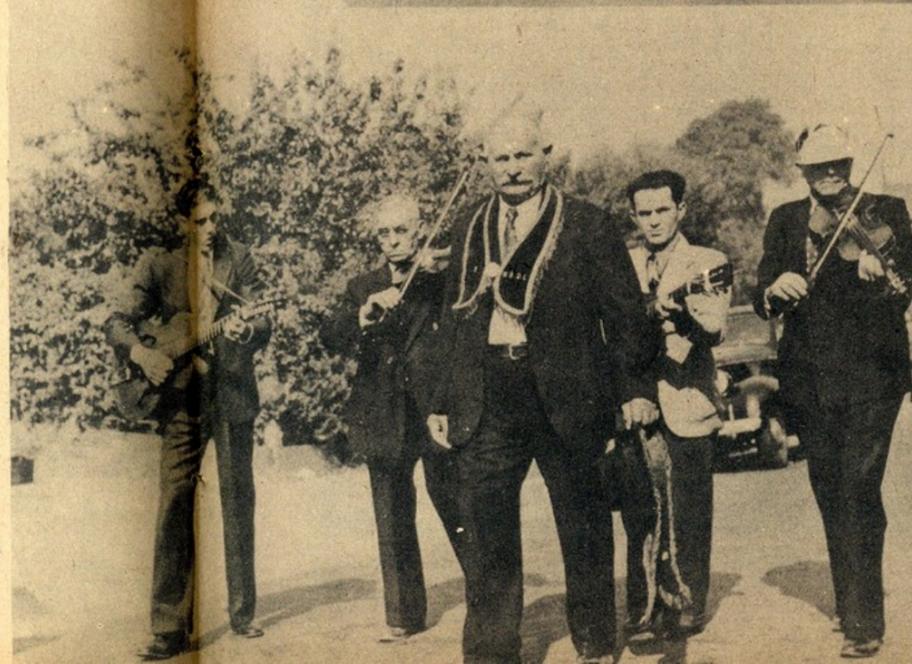
O Padre Martins, pároco português da cidade de Hayward, na Califórnia, celebrou missa solene em honra de Nossa Senhora do Loreto, nas últimas festas.

da agrícola que já vivia na sua tradição. E aqui está, por exemplo, a razão por que os vinhos da Califórnia se assemelham tanto aos vinhos europeus—aos portugueses, principalmente. São também excelentes criadores de gado. Acrescentarei mesmo que cerca de três quartas partes de todo o gado da Califórnia estão na sua mão, produzindo, anualmente, alguns milhões de litros de leite.

Sabe-se de resto, que estes portugueses e seus filhos não são só agricultores ou homens de criação de gado: todos os dias os jornais nos falam de médicos, advogados, professores, gente de destaque com nome bem lusitano. São os filhos dos portugueses—alguns filhos de pais modestos, iletrados e analfabetos que triunfam. E se o leitor desse um salto daqui à Califórnia, lá encontraria, em passeio pelas ruas—tabletas que nos falam de nomes portugueses: o Silva merceiro, o Costa retalheiro, o Sousa alfarabista...

Há, entretanto, outras circunstâncias curiosas: os filhos dos portugueses, bons norte-americanos, consequentemente, sabem sempre exprimir-se na doce linguagem dos «Lusíadas»; os seus costumes «yankees» dão o braço às tradições dos pais; leem jornais de portugueses; ouvem os programas lusitanos nas estações de rádio; frequentam as igrejas católicas dos portugueses e são amigos das associações luso-americanas—que as há em número de 42 mil, no Estado da Califórnia e mais 500 salas de sessões ou de espectáculo...

Enfim: um pequeno mundo lusitano, um punhado de almas fortes, uma contribuição espontânea como os próprios fenómenos naturais—e que são a continuidade da pátria portuguesa e um elo forte a ligar as gentes de Magalhães aos filhos de Tio Sam...



Um casamento? Não. É a rainha da Festa do Espírito Santo, entre duas damas de honor—no que já anda alguma coisa de americano, aliado aos ressaibros da tradição portuguesa...

—Sou apenas uma das muitas luso-americanas que atingiu posição destacada na política. O patriotismo e a capacidade da América são de forma particular reconhecidos—aquí, onde o êxito depende quase exclusivamente do esforço individual, sem distinção de raça, de nacionalidade ou da ideia religiosa. E é justamente por isso que muitas vezes os luso-americanos são escolhidos, por eleição, para cargos políticos, em círculos cuja percentagem de eleitores de ascendência portuguesa é bem pequena...

E dá-nos mais dados sobre a vida dos seus e nossos patrícios: —O comércio, a indústria e a política são-nos sempre franqueados. Solo ubérrimo e clima doce, os desta Califórnia servem perfeitamente para continuar a vi-

CALÇADA DA GLÓRIA

A MANEIRA... DE JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

—Veja este livro curioso, Mrs. Davenport.

Esta frase foi proferida por um sujeito alto, magro, loiro, distinto, que estava instalado num «maple» e que tinha sobre os joelhos, aberto, um livro volumoso. A mulher que ele convidara a ver o livro sorriu, pegou nele, leu o título, a sépia, escrito na capa:

—Neve sobre o mar.

O sujeito alto, magro, loiro, distinto, ergueu-se e explicou:

—Este livro veio da América. E tem uma história. E que história!

A mulher já não largou o livro. E o sujeito contou-lhe então que a obra ao princípio não se chamava assim, mas «Seis novelas e meia em volta do mesmo drama». O autor, porém, depois de escrever este título, sentiu que ele cheirava a Pirandello, riscou-o, e deixou que o volume se chamasse «Neve sobre o mar», nome fresco e saboroso.

—O que é o livro, pode saber-se? —preguntou, num «tic» americano, Mrs. Davenport.

—Estes seis episódios e meio tendo por fundo, o fundo do mesmo drama, o arrama da guerra que pesa e devasta os continentes. Este livro é já um eco impresso do coro imenso de ansiedades que o nosso tempo havia de ouvir e sentir. E se ao novelista, qualquer que ele seja, não compete trazer lenha para a fogueira em que almas e corpos se consomem, compete-lhe trazer papel que arde com muita mais facilidade...

—E porque lhe deu o título de «Neve sobre o mar»?

O sujeito explicou:

—E que este livro foi pensado no «Clipper», durante a travessia Nova-York-Lisboa, precisamente quando eu estava a tomar um sorvete...

E Mrs. Davenport achando infinitamente engraçada esta explicação, deu um beijo no sujeito com uma graciosidade, toda americana, exclamando febrilmente:

—My dear!

Escusado será dizer que o sujeito era «lord» Joaquim Paço de Arcos e Mrs. Davenport o pseudônimo americano — da Glória da Calçada...

ANÚNCIOS

Empregado

Precisa-se com prática de alcanças. Ordenado 300\$00 mensais. Exige-se fiador.

Pensão

Completa, desde dez contos diários. A alimentação será fornecida pelos hóspedes. Rossio, 111.

«Charette»

Nova, pintada, com rodas de borracha inglesa, engatada com esplêndido burro preto, movido a gasogénio. Telefone 72947.

ESTILO RAULINO



Há em Portugal três estilos arquitectónicos perfeitamente característicos: o estilo manuelino, o estilo pardoalino — e o estilo Raulino. Deixemos os dois primeiros — e ocupemo-nos, neste momento, do último. A sua criação deve-se ao supremo arquitecto Raúl Lino, um senhor simples, pálido, com uns bigodes de protagonista de certos romances franceses, mas que, sob tal aspecto físico, guarda as qualidades dum incontestável artista. Não é o vulgar mestre de obras que, materialmente, ergue incómodas cómodas de pedra e cal: é um autêntico poeta da arquitectura para quem um telhado, um alpendre, uma janela, uma simples porta têm a significação dum verso. As suas «casas portuguesas» são risonhos poemas em que florescem mangericos. Apetece ter uma — para trazer na corrente do relógio. Não falta quem afirme que o estilo Raulino é assim, que o estilo Raulino é assado: seria, porém, manifestamente injusto negar-lhe qualquer coisa de suave, de lírico, de simpático, de emotivo, que tão bem se harmoniza com o nosso feito e com o nosso coração. Dir-se-ia que o arquitecto, éle próprio, traz um alpendre minhoto na alma e uma ingénua lanterninha de capela portuguesa pendurada nos bigodes... Bem haja!

Mulheres

Baratas, de fácil manejo, pedir catálogo à Casa Paraíso.

«Pneus»

Usados, vendem-se como novos. Garaçem Auto-lata, Lisboa.

Chapa de alcatrão

Própria para mortalhas, vende-se muito em conta. Poço do Borratem, 75.

Arame farpado

Troca-se por fio de seda. Carta ao Rossio, 39, 6.º.

Ao comércio

Nicolau Amâncio & Companhia avisa todos os seus estimados credores que resolveu não pagar as dividas da respectiva firma, a todos desejando muitas prosperidades.

Quarto

Bom, arejado, com esplêndida vista para a escada, próprio para *faux-ménages*. Rua São João dos Bemcasados, 225.

Gabardines

Emprestam-se, mediante caução na Caixa Geral dos Depósitos. Casa de Penhores «A Florescente».

Línguas

Cavalheiro de nacionalidade francesa, ensina inglês e alemão. Método Berlitz. Carta à *Vida Mundial*.

Armazém

Precisa-se com urgência, para armazenar 18.000 toneladas de manteiga. Carta a José Borges Correia, neste jornal.

15.000\$00

Pedem-se sem garantias. Juro à descreção. Resposta ao número 1823, Rua do Ouro, 13.

Nora

Vende-se, por não agradar à sogra. Preço de combate. Largo da Graça, junto à paragem.

Chocadeira

Para homem. Económica e prática. Substitue inteiramente a mãe. Telefone: Belém, 1423.

Vende-se

Alvará de cabeça de vento com a armação equivalente. Rua Luciano Cordeiro, X.P.T.O.

Homem

Perdeu-se no Parque Mayer. Boas alviçaras a quem o entregar na Rua Bernardim Ribeiro, 425, quarto.

Dentadura

Muito resistente, comendo tudo. Vende-se em conta, por necessidade urgente do proprietário. Rua do Sacramento, ao cimo.

Cavalheiro respeitável

Precisa criada nova para todo o serviço. Dão-se abonações. Carta à Calçada da Bica, junto do elevador.

Bom negócio

Troco barraca no Bairro de Campolide por moradia nas Avenidas Novas. Só trato com o próprio. Carta a Epaminondas da Silva Campolide.

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

Figuras da Vida
MUNDIAL



VISCONDE LORD DE GORT
Governador da heróica ilha de Malta

Caricatura de SANTANA

ITALIA

na
Guerra



A acção dos exércitos da Itália nesta guerra: EM CIMA: Na África do Norte, um «tank», em pleno deserto, aprontando-se para repelir com a sua metralhadora anti-aérea um ataque da aviação inimiga. EM BAIXO: O rei-imperador passa revista às tropas que se encontram numa cidade da Itália do Norte.



FIM DO ANO



EM CIMA: No Café Cristal
À DIR.: Na Confeitaria Aguiar



À ESQ. No Café Nacional
EM BAIXO: No «bar» Negresca

EM BAIXO: Aspecto que oferecia o salão do Casino Estoril durante a ceia do Fim do Ano. O Casino foi pequeno para a grande afluência que ali ocorreu a saudação à entrada do Ano Novo. Entre as senhoras foram distribuídos os «Sinos» símbolos da Paz e da Felicidade.



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XVI — nas vésperas do desenlace

3

A OCUPAÇÃO DA ISLÂNDIA

N

O dia 7 de Julho de 1941, o presidente Roosevelt dirigiu uma mensagem ao Congresso dando-lhe conta dum acontecimento da maior importância. «Forças de fuzileiros navais americanos — dizia essa mensagem — desembarcaram na Islândia para auxiliar e eventualmente para substituir as forças britânicas que até agora ali têm estacionado a fim de assegurar a defesa eficaz daquela ilha». A mensagem presidencial era acompanhada da cópia da correspondência trocada entre o Departamento de Estado norte-americano e o Primeiro Ministro da Islândia. «Se os alemães viessem a ocupar a Islândia — dizia a mensagem presidencial — a Groenlândia e o norte do continente americano bem como a navegação no Atlântico norte ficariam sujeitos a uma ameaça imediata e ficaria igualmente prejudicado o envio de material de guerra para a Grã-Bretanha».

O chefe do Governo islandês, Jonasson, receava que as tropas inglesas que haviam desembarcado na ilha, viessem a ser necessárias noutros pontos, dadas as exigências crescentes da Grã-Bretanha, e manifestara o desejo de que elas fossem substituídas por forças americanas. Era, portanto, a convite do Governo islandês que os fuzileiros navais dos Estados Unidos desembarcavam na ilha. As aparências ficavam, assim, salvaguardadas mas ninguém tinha ilusões de que o intervencionismo norte americano no conflito que se desencadeava na Europa se acentuava gradualmente.

A ocupação da Islândia por tropas americanas precedia de um mês o encontro do Atlântico. Mas bastava para afirmar, exuberantemente, o acordo perfeito que se estabelecerá entre Londres e Washington para tratar todos os assuntos relativos à condução da guerra.

A revelação do encontro Churchill-Roosevelt e a publicação, em comum, da Carta do Atlântico, quaisquer que fossem as reservas postas pelos dirigentes não se coadunavam com a posição de não beligerância que, oficialmente, os Estados Unidos haviam assumido. O chefe da nação norte americana dominava completamente a situação e encaminhava o país no sentido da vitória que sempre preconizara.

Era essa uma realidade que os adversários da Grã-Bretanha não podiam ignorar nem ter em menos conta.

AS CONDIÇÕES DO GOVERNO ISLANDÊS

O Governo islandês previa determinadas condições ao pedir e aceitar o desembarque das tropas norte americanas na ilha. Essas condições eram, em resumo, as seguintes: 1.º as forças militares norte americanas deviam abandonar o território islandês quando a guerra terminasse; 2.º os Estados Unidos deviam sempre respeitar a independência e a soberania da Islândia, apoiando este país

quando, eventualmente, se tratasse de concluir qualquer tratado de paz; 3.º a administração da Islândia devia continuar exclusivamente confiada ao Governo islandês; 4.º os Estados Unidos deviam assumir o compromisso de assegurar a defesa da Islândia, com tropas em número suficiente e aviões em quantidade bastante para aquele efeito; 5.º ao mesmo tempo, o tesouro americano devia suportar todas as despesas a que essa defesa obrigasse; 6.º favorecer os interesses islandeses, por todas as formas, e especialmente quanto às necessidades da ilha em comércio e navegação; 7.º as forças enviadas seriam eventualmente reforçadas no caso de aumentarem os perigos que ameaçassem a ilha.

Já um mês e meio antes, num discurso que proferira em 27 de Maio, o presidente Roosevelt dera a entender as suas intenções, declarando que um desembarque de alemães na Islândia poria em grave risco a segurança de Labrador, da Terra Nova, da Nova Escócia e dos pórtos Estados Unidos.

A Grã-Bretanha recebeu com satisfação a notícia do desembarque americano. O Primeiro Ministro inglês afirmou mesmo na Câmara dos Comuns que se tratava de um dos acontecimentos mais felizes que se tinham produzido desde o início da guerra. O hemisfério ocidental passava, assim, a coberto de qualquer tentativa de agressão por parte das potências do «eixo». Apesar disso, as tropas britânicas que

se encontravam na ilha permaneceriam ali até que isso fosse considerado necessário não apenas pelos governos dos dois países mas pelas respectivas autoridades navais que, em última análise, deviam fazer ouvir o seu parecer. Algum tempo depois, aquelas tropas foram enviadas para outras missões, o mesmo acontecendo à parte da esquadra britânica à qual estava, há meses, confiada a parte principal na tarefa da defesa da ilha.

AS RELAÇÕES COM A FRANÇA

A ocupação da Islândia seguiu-se um acréscimo significativo da autoridade militar nos Estados Unidos. Uma das primeiras medidas adoptadas consistiu em prolongar o tempo de serviço militar para os contingentes que se encontravam nas fileiras. O Chefe do Estado Maior do exército americano, general Marshall, foi ouvido pelos membros do Congresso, a quem afirmou que, sem a adopção dessas medidas, a defesa da Islândia e das Filipinas se tornaria excepcionalmente difícil. O presidente Roosevelt dirigiu uma mensagem, redigida em termos idênticos, ao Congresso. A votação do pedido da Administração traduziu-se pelo último esforço para retardar a intervenção americana na guerra. Foi apenas por um voto de maioria que a medida militar preconizada pelo Governo foi aprovada na Câmara dos Representantes.



Um documento histórico da Conferência do Atlântico, em que Roosevelt e Churchill se encontraram no alto mar — Da esquerda para a direita, por detrás do Presidente e do Primeiro Ministro: Almirante E. J. King, comandante em chefe da Armada americana; General G. C. Marshall, chefe do Estado Maior do Exército americano; General inglês Sir John Dill; Almirante H. R. Stark, chefe americano das operações navais; almirante inglês Sir Dudley Pound

Durante a última quinzena de Julho, o Secretário de Estado, Cordell Hull, e o sr. Harry Hopkins, que tinha ido especialmente encarregado pelo presidente de dirigir a aplicação da lei de empréstimo e arrendamento, proferiram dois importantes discursos, o primeiro sobre a situação no Extremo Oriente e o segundo sobre os mantimentos da Rússia. Poucos dias depois de ter proferido o seu discurso, Hopkins seguia de avião para Moscovo.

A extensão da situação em França constituía para os dirigentes norte-americanos uma mistura de preocupações e de ansiedades constantes. As concessões feitas na Indo-China aos japoneses e na África aos alemães pelo Governo de Vichy obrigavam a uma revisão constante das relações franco-americanas. O embaixador Henry Nave, por um lado, o almirante Leahy, por outro, tinham uma tarefa exaustiva, procurando e prestando esclarecimentos e informações que, do lado de Washington, nem sempre eram recebidas com inteira satisfação.

O Governo de Washington, no caso especial de África, manifestou o propósito de apoiar a acção do general Weygand que se mostrava decidido a enfrentar vigorosamente as tentativas de penetração alemã na Argélia, na Tunísia e em Marrocos.

«Temos todas as razões para acreditar — dizia o secretário de Estado para a guerra, Stimson — que os alemães tentam um ataque em África. Se por uma operação combinada de aviões e de uma quinta coluna, esse ataque se produzir, toda a costa da América do Sul ficará perigosamente ameaçada.»

APÊLOS AOS OPERÁRIOS

Dois acontecimentos de certo significado ocorreram em seguida ao encontro do Presidente com o Primeiro Ministro. O Duque de Kent visitou os Estados Unidos onde lhe foi feito um acolhimento muito cordeal e o embaixador japonês, almirante Nomura, entregou ao Presidente uma carta pessoal do chefe do seu Governo, Príncipe Konnoya, em que este se occupava das relações nipo-americanas e dos perigos que o seu agravamento necessariamente laria correr aos dois países.

A produção americana passara a ser a primeira e a mais importante condição da vitória das Nações Unidas. Por isso, de todos os lados começaram a surgir os apêlos dirigidos ao operariado dos Estados Unidos para quem falou, sucessivamente, o ministro do Trabalho britânico, Bevin, e o presidente Roosevelt que

proferiu uma alocução radiodifundida que teve uma grande repercussão nos meios operários norte-americanos. A unidade interna era indispensável como prelúdio das medidas militares e das providências da política alemã que o Governo dos Estados Unidos se preparava para adoptar na previsão de acontecimentos decisivos.

Em meados de Agosto, o coronel Knox, secretário de Estado para a marinha, anunciou que as patrulhas navais e aéreas dos Estados Unidos estavam já operando entre os Estados Unidos e a Islândia. «Desde que esse serviço atingiu o seu rendimento actual, disse o coronel Knox, cessaram inteiramente os afundamentos de navios naquela zona». Havia indicações de que os submarinos do «eixo» tinham efectivamente abandonado as paragens do Atlântico Norte, mas essas indicações não tardaram a ser desmentidas pelos factos. No dia 5 de Setembro, foi oficialmente anunciada a notícia de que o contra-torpedeiro norte-americano «Greer», quando se empregava no transporte de malas de correio para a Islândia, fôra atacado por um submarino e respondeu com bombas de profundidade. O presidente Roosevelt, ao referir o caso, afirmou que tinham sido dadas ordens categóricas à armada norte-americana para eliminar os submarinos atacantes, qualquer que fôsse o ponto onde estes se encontrassem. Pela primeira vez, um navio de guerra norte-americano tinha sido atacado por um submarino e pela primeira vez também usara da força para repellar o ataque. A distância que separava os Estados Unidos da guerra era, efectivamente, muito pequena.

UMA SÉRIE DE AFUNDAMENTOS

O afundamento do «Sessa» e do «Robin Moor», conjugado com o incidente do «Greer», produziu uma grande impressão na opinião pública norte-americana. O ataque ao navio de guerra produziu-se, segundo a interpretação americana, em águas que interessavam à defesa daquele continente e fôra intencional. A missão em que ele se occupava — o transporte de correio — era uma missão que nada tinha com a guerra. Por isso mesmo, mais veementemente era condenado nos Estados Unidos o ataque de que aquêle contra-torpedeiro fôra objecto. «Seria impróprio de uma grande nação — dizia o presidente Roosevelt — manifestar qualquer nervosismo por um incidente deste género. Mas a verdade é que os incidentes deste género se multiplicam. Nem somos históricos nem perdemos o sentido das proporções.

Seria, porém, loucura não ligar a episódios desta espécie a importância que eles merecem, pois revelam que estamos perante a execução sistemática de um plano assente.» O presidente insistiu, mais uma vez, no perigo que as iniciativas das potências do «eixo» representava para a segurança do hemisfério ocidental e afirmou a decisão americana de detronizar essas iniciativas. Os submarinos e os aviões alemães ameaçavam a soberania dos Estados Unidos. As medidas de defesa contra essa ameaça não se lariam esperar. Qualquer que fôsse o pavilhão sob o qual navegassem, de futuro todos os navios mercantes que se encontrassem em águas americanas teriam a protecção da Armada dos Estados Unidos. Tratava-se dum passo da maior gravidade e Roosevelt não ocultava esse facto nem dos seus compatriotas nem do resto do mundo. Mas imputava a responsabilidade do que se passava à Alemanha e aos seus aliados. «Deixem-me fazer um aviso bem claro — declarava o presidente. A partir deste momento, os navios alemães ou italianos que penetrarem nestas águas fazem-no sob sua exclusiva responsabilidade e correndo os consequentes riscos.»

A hora dos tiros soara. Era da prébeligerância americana que efectivamente se tratava. A determinação do povo americano estava assente. Restava ao presidente e à Administração interpretar essa determinação e praticarem os actos indispensáveis para que ella se afirmasse e tomasse forma por um prazo de tempo relativamente curto.

OS PODERES DO PRESIDENTE

Em 23 de Setembro, um navio dinamarquês, que navegava com o pavilhão do Panamá, o «Pink Star», foi afundado por um corsário. O presidente manifestou a sua vontade de que os barcos mercantes americanos passassem a navegar armados. Wendell Wilkie pronunciou-se a favor da decisão presidencial. O senador Mc Kellar, que sempre se manifestara como um intervencionista convicto, adiantou-se à iniciativa de Roosevelt e apresentou, sob sua responsabilidade, uma proposta no Senado para que fôsse fornecido armamento adequado a todas as unidades da marinha mercante norte-americana.

O povo dos Estados Unidos arriscaria tudo para que os seus direitos, ou aquilo que considerava como tal, não voltassem a ser objecto de ataques. Na Grã-Bretanha esperou-se, um momento, que a vontade assim claramente manifestada se traduzisse imediatamente pela declaração de guerra daquele país às potências do «eixo». A Constituição do país impedia, porém, que uma decisão de tamanha gravidade fôsse tomada sem um movimento unânime da opinião pública, insofismavelmente traduzido por um voto do Congresso. Para isso não bastavam os poderes presidenciais, por muito latos que estes fossem. Enquanto o estado de guerra não fôsse declarado, os poderes presidenciais não bastavam para ensombrar nem a autoridade nem a popularidade do Congresso. Por isso o Presidente era obrigado a recorrer frequentemente à radiodifusão e às conferências semanais da imprensa, a fim de influenciar a opinião pública, muitas vezes insufficientemente informada sobre os problemas da política externa e sobre a sua gravidade. Ninguém podia ignorar que essa opinião pública se encontrava a muitos milhares de quilómetros da zona de operações, que a sua evolução se fizera gradualmente e muitas vezes difficilmente e que os interesses em jogo com a intervenção americana eram bastante poderosos para retardar o progresso de um movimento que, aliás, em cada dia que passava, se revelava de maneira mais irresistível. Entre o isolamento, depois entre a neutralidade e a ordem de disparar, mediara um prazo de tempo relativamente curto. Essa circunstância bastava para explicar o que se passava nos Estados Unidos e que, muitas vezes, não era completamente compreendido na Europa. O Atlântico continuava a ser um obstáculo mais de ordem política e moral do que de ordem física e geográfica.

OS NÚMEROS DA PRODUÇÃO

O Verão e o Outono de 1941 marcaram a fase intensiva da adaptação da indústria americana às exigências da guerra. A produção de máquinas ferramentas aumentou em proporções inesperadas, o que permitiu uma melhoria imediata no conjunto da produção. Mas foi sobre-



Duque de Kent

HISTORIA DA GUERRA

tudo nos estaleiros norte-americanos que o acréscimo da produção tomou proporções tanto mais impressionantes quanto é certo que a acção submarina continuava a ser a principal arma de que as nações do «eixo» dispunham para evitar a entrada oficial dos Estados Unidos na guerra. A propaganda norte-americana, para efeitos internos e externos, começou a utilizar alguns dos números reveladores da produção, o que produziu na opinião pública uma impressão reconfortante e animou a Grã-Bretanha, cuja população não deixara de ser afectada pelos reveses verificados nos Balcãs e no norte de África, a continuar a resistência.

Uma fábrica, no Estado de New-York, fazia já no Verão de 1941 mais de vinte mil metralhadoras por mês; em Hantford, uma outra fábrica produziu cinco mil; a United States Arsenal (Springfield) fazia espingardas ao ritmo de uma por minuto. A tendência americana para fazer e apresentar tudo em grande começava a encontrar, na política da guerra, uma oportunidade para se exercer exuberantemente.

A produção aeronáutica intensificou-se também. As primeiras fortalezas voadoras foram entregues em Julho à Grã-Bretanha. Eram grandes bombardeiros pesados do tipo «Boeing» que transportavam quatro toneladas de bombas e estavam armados com sete metralhadoras. Em Agosto foi revelado que a indústria americana construía, a um ritmo acelerado, novos tipos de aviões de caça cuja velocidade horária atingia cerca de setecentos quilómetros. Em Setembro era dada uma informação oficial sobre o número e qualidade da produção aeronáutica americana nos últimos meses. Em Junho de 1940 tinham sido fabricados nos Estados Unidos 500 aviões de todos os tipos; em Julho de 1941, um ano depois, o número de aviões produzidos elevava-se a 1.445, em Agosto era de 1.850, em Dezembro seria atingido o nível dos 2.000. Não se tratava ainda das cifras astronómicas tanto do gosto dos americanos. Mas era, evidentemente, para elas que se caminhava no caso de a guerra prosseguir.

A ESQUADRA DOS DOIS OCEANOS

Mas nos domínios da construção naval que os americanos realizavam progressos mais sensíveis. Os seus arsenais começaram, mais rapidamente do que quaisquer outros centros fabris ou industriais, a trabalhar a pleno rendimento. O Departamento da Marinha anunciou a construção de uma gigantesca força naval, a esquadra dos dois Oceanos, destinada a dar aos Estados Unidos uma supremacia absoluta no Atlântico e no Pacífico. Essa incluía a construção de 17 navios de linha, 12 porta-aviões, 54 cruzadores, 197 contra-torpedeiros e 74 submarinos.

A construção de barcos mercantes começava também a fazer-se a um ritmo acelerado. O almirante Emond Land foi encarregado de superintender em todos os assuntos relacionados com a construção de navios mercantes e o

construtor Kayser, cujas qualidades de empreendimento e cujo arrojado de concepção eram já conhecidos de todos os americanos, tornou-se uma figura popular em todo o mundo pela decisão com que deu execução aos planos da Administração para fazer face à ameaça crescente que os submarinos representavam para a causa do bloco que começou, a partir da Carta do Atlântico, a ser conhecido pela designação de bloco das Nações Unidas.

Os Estados Unidos começaram pela construção de uma série de sessenta barcos de 10 mil toneladas, nos estaleiros do Maine e da Califórnia, todos destinados a ser entregues rapidamente à Grã-Bretanha. O primeiro desses barcos foi o «Ocean Vanguard». O governo inglês nomeou seu delegado para superintender, em Washington, em todos os assuntos relativos aos fornecimentos de guerra, Sir Arthur Salter. Este declarou que esses sessenta barcos seriam seguidos de centenas e mesmo de milhares de outros barcos. «Dois navios por dia,



Almirante Leahy

começou então a dizer-se, bastarão para atar-se para sempre a ameaça submarina.» Os acontecimentos haviam de demonstrar que essa produção era insuficiente e os planos americanos para 1943 prevêm a construção diária de cinco navios mercantes. Mas naquela altura ainda não era fácil calcular toda a extensão e toda a gravidade que a continuação da guerra representaria para a humanidade inteira. Os americanos começaram também a construir pequenas unidades de 1.900 toneladas, a primeira das quais recebeu o nome de «Sea Otter». Esta intensificação da produção coincidiu com a aplicação de medidas cada vez mais severas contra os súbditos do «Eixo» residentes nos Estados Unidos.

(Continua)

7 DIAS DE CINEMA

(Continuação da pág. 6)

soube interpretar a figura do velho Morgan, com dignidade e sóbrio sentido do pitoresco! A cena, ao jantar, com os filhos, e que culmina com a saída destes — é admirável! Mas, ao longo de todo o filme, Donald Crisp brilha a grande altura. Sara Allgood, a mãe, que tem arrancos de leoa ferida, quando lhe tocam nos filhos, ou sente a paz da sua casa ameaçada — é, dentro do lar, a luz que o ilumina. Walter Pidgeon, um actor que cresce, de dia para dia, surge sob os traços do pastor Gruffyd, sempre com uma palavra de amor e de perdão para os que pecam ou sofrem. Maureen O'Hara, na doce Angharad, que sacrifica um grande afecto a um casamento rico, é a nota menos feliz do elenco. E o pequeno Rody Mac Dowall, o Huw, cuja infância e adolescência serve de fulcro à acção, agiganta-se no seu desempenho, até se pôr a par dos melhores.

* * *

A acção directa alterna com a narrativa (uma voz a ilustrar imagens mudas, para aproximar duas épocas ou ligar duas cenas distantes). «How green was my valley» é, em grande parte, um filme mudo. Satüdemo-lo como um exemplo típico do valor e do poder dramático da imagem — como um filme que foi beber a sua inspiração à mais pura fonte das emoções cinematográficas.

FIQUE SERIO!

Junto do concessionário, duas senhoras disputam a vez de ajoelhar. O padre nota a disputa e resolve intervir:

— Primeiro, a mais velha!
E ambas se foram embora...

*

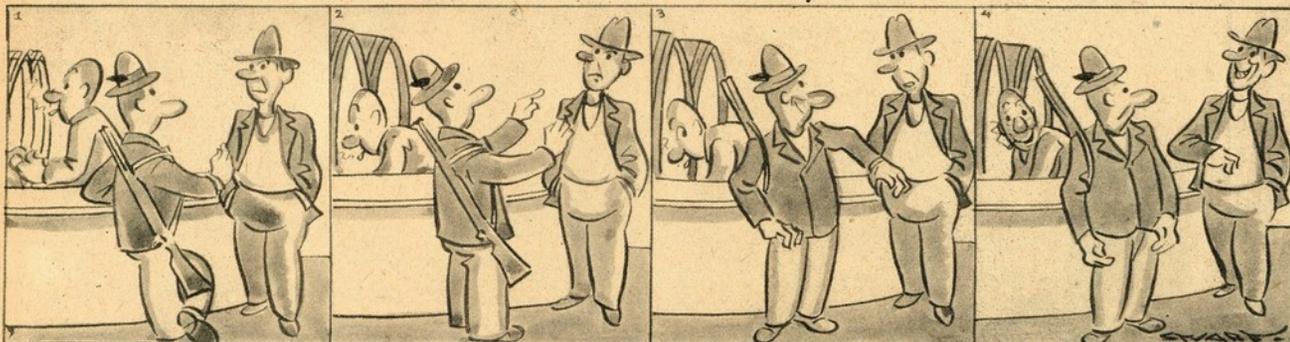
Alguém disse, na presença de um solteiro impenitente:

— Não compreendo como um homem se possa deixar conduzir por uma mulher...

E logo o solteiro:

— Sobretudo à igreja...

SONHOS... por Stuart de Carvalhais



— Então tens caçado muito?
— Óhã, filho, ontem logo ao sair de casa matei quatro perdizes.

— Depois subi uma pequena encosta e, numas pedreiras abandonadas, pun! foram cinco coelhos.

— Mas isto não é nada. Desço a encosta e no vale trás, trás trás... matei oito lebres!

— É pá! Quando acordaste devias ficar com uma grande «cachola»!...

Lá fora



em Nova Iorque, no dia do 167.º aniversário da criação da Marinha norte-americana, os novos grumetes prestaram juramento. O comandante Fred M. Bock, com a mão erguida, junto da estátua de Jorge Washington, que foi o primeiro presidente da República dos Estados

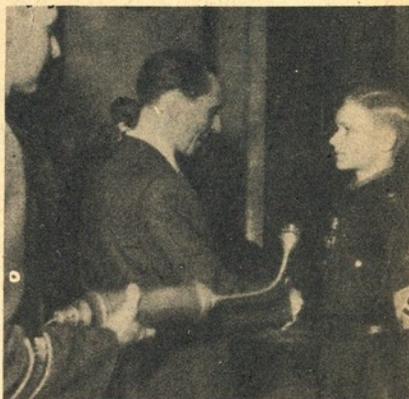
Unidos, pronunciou as palavras tradicionais da cerimónia. A Infantaria de Marinha é das forças norte-americanas a que maior prestígio tem, pois tem participado em todas as guerras em que tem entrado os Estados Unidos.



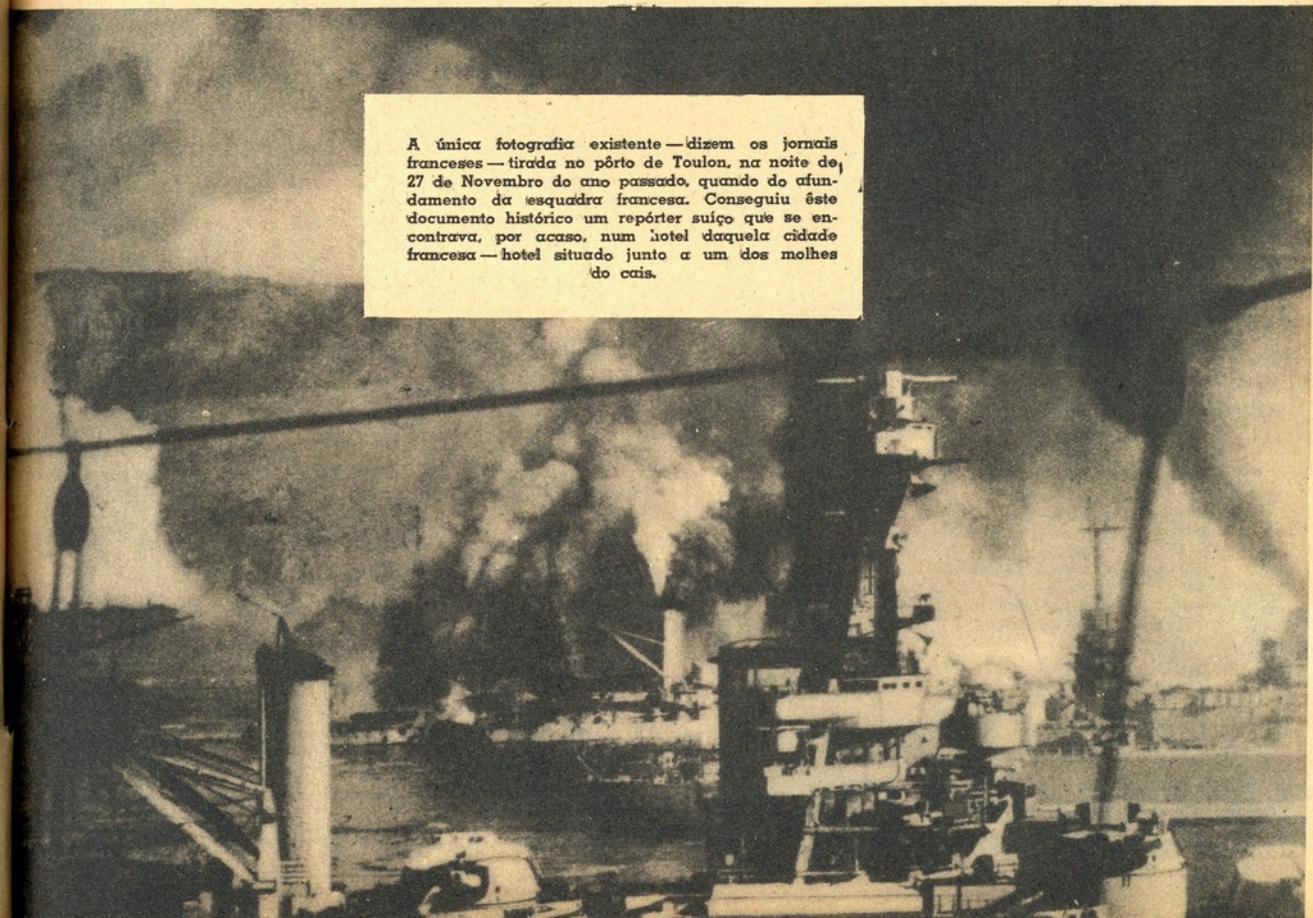
filho de Ismet Inonu, presidente da República Turca, é aviador e instrutor da Escola Militar de Jéchil-Kheny, em Estambul.



Na América e na Alemanha foram recentemente condecorados dois garotos por feitos de guerra. Em Washington, o pequeno Stevens, filho dum general-aviador morto em combate na Nova Guiné, foi condecorado pelo general Marshall, chefe do Estado Maior, por feitos heróicos praticados pelo pai, e em Berlim, um jovem alemão foi condecorado por Goebbels, ministro da Propaganda, por ter mostrado excepcional coragem durante um bombardeamento inimigo em determinada cidade do Reich.



A única fotografia existente — dizem os jornais franceses — tirada no porto de Toulon, na noite de 27 de Novembro do ano passado, quando do afundamento da esquadra francesa. Conseguiu este documento histórico um repórter suíço que se encontrava, por acaso, num hotel daquela cidade francesa — hotel situado junto a um dos molhes do cais.



7.º Aniversário
da

Relação DAMPAS

65-R. Retrozeiros
A P T
21004
LISBOA



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS

EM LÍNGUA PORTUGUESA
(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7.15	WDJ	Todos os dias	39.7 m (7.565 mc/s)
7.15	WRCA	3.ª feira a Domingo	31.02 m (9.67 mc/s)
7.15	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
8.30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31.02 m (9.67 mc/s)
8.30	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
18.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)
19.30	WRCA	Todos os dias	19.8 m (15.15 mc/s)
19.45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WGEA	Todos os dias	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)

**OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA**

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA COSTA OCIDENTAL E ORIENTAL

PAQUETE "LOURENÇO MARQUES"

A SAIR NO DIA 23 DO CORRENTE, RECEBENDO CARGA E PASSAGEIROS PARA:

Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Lobito,
Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira
e Moçambique e outros portos da costa
ocidental e oriental, sujeito a baldeação

A CARGA SERÁ RECEBIDA ATÉ AO DIA 19

Os senhores passageiros devem apresentar as suas
bagagens na Delegação Aduaneira de Santa Apolónia
♦ ♦ até à ante-véspera da saída dos navios ♦ ♦

PARA ESCLARECIMENTOS E MAIS INFORMAÇÕES

Em LISBOA—R. do Comércio, 85 | Tel. 23021
a 23026

No PORTO—R. Infante D. Henrique, 73—Tel. 1434

PANORAMA INTERNACIONAL

por *Francisco Verlho*

(Continuação da pág. 4)

Nunca como agora se tornou patente a discriminação das duas concepções que separam por intransponível fôssco, atulhado de cadáveres e ferralha, os dois grandes blocos beligerantes. Graves desenganos haverão de conturbar aquêles que ainda não o viram nem sequer sentiram. Roosevelt disse em alta voz um sentimento ainda recôndito da humanidade.

AS MURALHAS ALEMÃS



CATROUX

Em tórno de tudo isto, e desta mensagem que constitui acontecimento central na oitava agora encerrada, se circunvolveram os demais desta guerra. Vimos acentuarem-se mais as posições dos beligerantes.

A Alemanha, mais dominadora no seu alto comando sobre todas as nações do seu agrupamento, confirma-se em activas preparações defensivas em todo o continente, — fortificando todas as bases dos «fjords» noruegueses, recolhendo os aeródromos dos litorais francêss, belga e holandês; erguendo linhas de barragens na zona da costa mediterrânea da França e ocupando os navios em Toulon como era inevitável, embora sangrem os corações dos almirantes Abrial e De Laborde; criando zonas de amuralhamentos protectores na região de Namur e na linha histórica do Mosá; reforçando de tropas e aviões o sul da Itália, a Sardenha e a Sicília; aumentando os meios de defesa em Creta, no sul da Grécia e nas ilhas do Dodecaneso; traçando uma espécie de linha Siegfried ao longo da fronteira bulgaro-turca; enviando novas divisões para a confusa frente montanhosa onde, desde Serajevo à Trácia fervilham os exércitos guerreiros dos insurrectos jugoeslavos e sérvios; acudindo às agitações políticas que na Roménia e no sul da Transilvânia desfecharam em conspirações, dominadas mas não extintas, em que os agrários de Maniu, os liberais de Bratiano e os legionários de Hodin Sima aparecem conjugados contra o general ditador Antonesco.

Enquanto se anda nestas apressadas obras Hitler ordena uma nova mobilização de 2 milhões de supranumerários para formar o que se chama a policia interior dos territórios alemães ou germanizados, em todo o âmbito do seu bastião europeu, e enquanto continua a bater-se a leste ante a teimosa e quadrupla ofensiva russa que neste momento reflee para o sul, e ordena a Von Pannwitz (repare-se em que segue o mesmo critério defensivo) a redução da frente causásica sobre a linha de Rostok a Tithoresk.

Ainda na mesma directriz deve ser levado em conta o poderoso re-credenciamento da guerra submarina conduzida pelo almirante Doenitz, alimentada há pouco por nova onda de 38 navios desse tipo lançados ao mar, e cujo perigo o primeiro Lord do Almirantado britânico, Alexander, mais uma vez acaba de pôr em

foco, ao citar a vitória da Armada Real contra um violento assalto das unidades alemãs fundeadas no norte da Noruega a um grande comboio de aprovisionamento que se dirigia e efectivamente chegou às bases russas do Ártico, e ao citar a investida dum «cardume» de submarinos, ao que parece frutuosa, a um outro comboio que transportava petróleo e outros combustíveis da Trinidad para a África do Norte.

Na periferia da frente aliada, observava-se ao fim destes últimos oito dias um aparelhamento menos notório por seus rumores, mas não menos significativo.

A ilha de Chipre, visitada em inspecção pelo general Alexander, era há pouco denunciada como base fortificadíssima, a vigiar as entradas do Mar Egeu e possivelmente a preparar-se para se religar a Malta, a Gibraltar e às bases africanas francesas um vasto cordão de assaltos ao continente, que a relativamente maior liberdade de acção no Mediterrâneo das esquadras de Cunningham (aumentadas, como Darlan conseguiu, de unidades navais francesas) torna possíveis.

E se a atonia episódica do 8.º, do 1.º e do novo 5.º exércitos aliados ainda persiste na Tripolitânia e na Tunísia, não é menos certo que, apesar da actividade atrás citada dos submarinos alemães, ali chegam reforços — Dakar é hoje o seu grande receptáculo — que em dado momento, pelos indícios que dêles dão os actuais e incansáveis bombardeamentos da R. A. F. aos portos de Bizerta, Tunes, Gabes, Sfaxe e Tripoli, podem influir numa irrupção, quando as operações na frente russa — quer sobre a fronteira da Letónia, quer para os lados da Ucrânia — tomarem vulto apreciável.

Apenas se encontra ainda a corroer as rectaguardas o problema político da unificação das forças francesas. No dia 4 estabelecia-se um preliminar de correspondência entre Giraud e De Gaulle, que se dizia em relação com a conferência realizada em Gibraltar entre Eisenhower, Samuel Hoare e Lord Gort e com o novo aparecimento do general Catroux em Londres. Giraud ainda andava, porém, a dirigir a mobilização dos exércitos de África por Bathurst e Dakar, e não se vê que o assunto pendente se resolva imediatamente.

Salva, porém, esta triste interrupção, escurecida pelo crime repugnante e ainda misterioso que abateu Darlan, em todas as mais frentes aliadas o rumor de armas deflagra.

Wawell lança outra vez o exército do general Irwin nos caminhos de Akrgab. Mac Arthur acaba de findar a campanha de Buna com uma vitória, e de recommear a de Sanananda, enquanto a aviação americana desfazia ao largo da Nova Guiné comboios de reforços japoneses, destruindo-lhes 134 aparelhos de protecção.

Eis porque as palavras de Roosevelt ressoaram como clarins. Nêsse mesmo dia em que o presidente falou, em Rabat ouviram-se em «nubas» dos regimentos franceses de «tirailleurs», a tocar — pela primeira vez desde o Armistício! — durante um desfile militar, a Marcha Lorraina...

Emissões em LINGUA PORTUGUESA

10.45 ..	* Noticiário	24.92 m. (12.04 mc/s)
		19.76 m. (15.18 mc/s)
		13.86 m. (21.64 mc/s)
12.15	Noticiário e Actualidades	24.92 m. (12.04 mc/s)
		19.76 m. (15.18 mc/s)
		13.86 m. (21.64 mc/s)
21.00	Noticiário e Actualidades	42.11 m. (7.13 mc/s)
		41.75 m. (7.19 mc/s)
		31.75 m. (9.45 mc/s)
		30.96 m. (9.69 mc/s)
		261.10 m. (1.149 kc/s)
		1.500.00 m. (200 kc/s)

ESCUAI ROMA

As estações emissoras de **ROMA**

oferecem todos os dias aos ouvintes portugueses interessantes transmissões de notícias da actualidade acerca dos mais importantes acontecimentos políticos e de guerra.

Programa do noticiário em lingua portuguesa

Horas	Ondas m.	Frequencias kc/s	Estações
7.50	19.92	15060	2 RO 21
7.50	25.40	11810	2 RO 4
11.20	15.31	19590	2 RO 17
14.10	19.61	15300	2 RO 6
14.10	25.10	11950	2 RO 22
14.10	47.55	7220	2 RO 11
17.00	15.31	19590	2 RO 17
21.50	25.10	11950	2 RO 22
21.50	29.04	10330	2 RO 19
21.50	30.74	9760	2 RO 18
21.50	31.15	9630	2 RO 3
21.50	41.55	7220	2 RO 11
21.50	47.62	6300	2 RO 23
0.00	25.10	11950	2 RO 22
0.00	29.04	10330	2 RO 19
0.00	30.74	9760	2 RO 18

Recorrai este anúncio.

Conservai-o perto do vosso aparelho de radio.

E.I.A.R. CENTRO RADIO IMPERIALE

D. Helena Lucília Crisóstomo Lourenço, a senhora portuguesa que desde há um ano e meio ocupa o cargo de Presidente da Câmara Municipal de San Leandro, na Califórnia, assina um documento oficial no seu gabinete no edifício da municipalidade.



NAS PÁGINAS CENTRAIS DÊSTE NÚMERO:
**UMA SENHORA PORTUGUESA PRESIDE
A UM MUNICIPIO DOS ESTADOS UNIDOS**